



Parteiras e o ofício de “pegar criança” e “cortar umbigo” na Reserva Extrativista Mapuá, Ilha do Marajó

Midwives and the craft of “picking a child” and “cutting navel” in the Mapuá Extractive Reserve, Marajó Island

Natalia Monge Zúñiga*

Benedita Celeste de Moraes Pinto**

Flávio Bezerra Barros***

Resumo: O presente artigo traz descrições e análises de elementos e situações que rodeiam o ofício de “pegar criança” na Reserva Extrativista Mapuá, Ilha do Marajó, Estado do Pará, Amazônia brasileira, a partir de vários relatos e das histórias de vida de parteiras tradicionais da referida unidade de conservação. As análises foram feitas considerando as narrativas de um grupo de oito interlocutoras-parteiras tradicionais das comunidades do Baixo e Médio Mapuá, com idades entre quarenta e oito e setenta e oito anos. Cada relato destas mulheres mostra um universo complexo, que detém apenas uma fração do total das condições que circundam os saberes de *partejar* e *cortar umbigo* neste específico espaço-tempo amazônico.

Palavras-chave: Mulheres Parteiras. Conhecimento Tradicional. Amazônia.

Abstract: This article brings descriptions and analyses of elements and situations surrounding the craft of “child picking up” in the Extractive Reserve of Mapuá, Marajo Island, Para State, Brazilian Amazon; from various reports and life stories of traditional midwives of this reserve. The analyses were made considering the narratives of a group of 8 traditional midwives from the communities of The Lower and Middle Mapuá, with an age from 48 to 78 years old. Each report of these women shows a complex universe, which holds only a fraction of the total conditions that surround the knowledge of midwifery and “cut navel” in this specific space-time in Brazilian Amazon.

Keywords: Midwifery. Traditional knowledge. Amazon.

* Mestrado em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Sustentável – Chaperno Colectivo Agroecológico, Costa Rica. Contato: natymonz@gmail.com

** Doutora. FACHTO/PPGEDUC/UFPA-Cametá/PROCAD-Amazônia. Contato: celpinto18@gmail.com

*** Doutor. Professor associado da Universidade Federal do Pará-UFPA; Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares-INEAF. Contato: flaviobb@ufpa.br

Introdução

A RESEX foi criada no ano 2005, com a extensão de 93.746,34 hectares, e está localizada no Município de Breves, no Estado do Pará. A população é formada principalmente por agricultores e agricultoras, com cerca de quatrocentas famílias¹ distribuídas em dezoito comunidades. Este artigo contém informações sobre as parteiras das comunidades São Sebastião, Bom Jesus e São Benedito. Observação participante e entrevistas semiestruturadas foram os principais métodos utilizados na pesquisa, apoiados de registros fotográficos e fonográficos. As oito interlocutoras foram escolhidas pela sua importância nas comunidades, sendo reconhecidas como parteiras destacadas pela população.

Parteiras Tradicionais do Baixo e Médio Mapuá: como chegaram ao ofício de “partejar”

Todos os saberes que as mulheres parteiras ou pegadoras de crianças² praticam são o resultado de uma mistura de suas histórias de vida passadas e do presente. Nas suas memórias guardam os segredos das experiências das suas ancestrais, juntamente com um complexo conjunto de cosmologias que expressam e se desenvolvem no presente a partir da arte de cuidar de mulheres gestantes e lhes atender durante o parto. O ofício destas parteiras está marcado por seus tempos e espaços.

As protagonistas destas histórias são oito mulheres que se dedicam ao ofício de partejar, de receber crianças. São as parteiras das comunidades de São Sebastião, Bom Jesus e São Benedito (espaço conhecido como Baixo e Médio Mapuá) da Reserva Extrativista (RESEX) Mapuá³, na Ilha do Marajó, Estado do Pará.

No Baixo e Médio Mapuá, as parteiras aprenderam o ofício de partejar de várias formas, algumas se tornaram “aparadoras de crianças” através da herança de uma mulher mais idosa, usualmente sua bisavó, avó, mãe e até sogra. Nas falas das parteiras mais idosas, como por exemplo, de dona Joana e dona Martinha, o ofício de partejar aparece como sendo um “dom de Deus”, com o qual foram agraciadas. Enquanto as parteiras mais jovens fazem referências a respeito das instruções que receberam de suas “mestras de partejar”, contudo, sempre colocam o ofício dentro do sagrado. Pois, embora afirmem que tenham aprendido com alguém, consideram o fato de ser parteira como uma “bênção”.

¹ UNIDADES DE CONSERVAÇÃO no Brasil: Reserva Extrativista Mapuá. ISA – Instituto Socioambiental. Disponível em: <<https://uc.socioambiental.org/pt-br/arp/4326>>. Acesso em: 08 maio 2020.

² Designação dada às mulheres que se ocupam do ofício de parteiras tradicionais, que fazem partos, ajudam a nascer, recebem crianças nas comunidades do Baixo e Médio Mapuá – RESEX Mapuá, Ilha do Marajó, Pará.

³ Estas informações que fazem parte deste artigo surgem a partir da pesquisa feita no ano de 2016 como parte da dissertação intitulada: “O dom não se ensina, a gente nasce com ele...! Saberes, Práticas e Histórias de Vida de Parteiras Tradicionais da RESEX Mapuá, Ilha do Marajó”, de autoria de Natalia Monge Zúñiga, no Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, da Universidade Federal do Pará-UFPa e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária-EMBRAPA Amazônia Oriental.

As falas dos habitantes da RESEX revelam alguns desses casos, conforme se pode observar na história da parteira Maria Isabel, que destaca a seguir como foi a sua experiência de aprendizado:

“O negócio da partejação eu aprendi com a minha sogra Maria de Nazaré que mora no Jardim Tropical, conhecida como Maria Paula... Eu faço o mesmo que a minha sogra fazia... Quando ela ia partejar as outras mulheres, eu ia lá e fui pegando uma experiência. Aí depois veio uma mulher assim a falar comigo... aí eu digo: eu vou! Graças a Deus quando eu fiz todos esses partos e nunca aconteceu nada de perigo, tudo bem... o dia que precisarem de mim eu estou aqui. Puxar peito, puxar barriga de mulher... é o consultório da Mari Elsa, como aquele consultório lá de Breves que o povo vai se atender de tudo.” (Dona Maria Isabel, parteira)

Neste relato, dona Maria Isabel revela que foi instruída pela sua sogra. Embora tenha afirmado que é neta da parteira Martinha, e que sua avó não a deixava assistir os trabalhos de assistência ao parto que praticava, conta que quando se casou sempre era convidada por sua sogra para lhe auxiliar nos atendimentos que realizava. Desta forma, conheceu e aprendeu o ofício de “partejação”, de fazer partos.

Outra história, neste mesmo sentido, é de Dona Iracema, que diz lembrar os importantes ensinamentos de sua mãe. Afirma que em várias ocasiões recorda com “muita saudade” como sua mãe conseguia acessar esses saberes, ressaltando a importância de passar para as suas filhas:

“Eu me lembro de tudinho, porque quando a minha mãe começou fazer parto, nós todos estávamos solteiros, morávamos na casa dela, eu já estava grandona, ela sempre levava uma de nós... mas sempre dava certo pra ser eu quem ia com ela... eu sempre gostava de estar, como diz o ditado: bururucando, espiando... Ela sempre dizia: ‘tu já és moça, tem que saber, tem que aprender... porque tu já sabendo não te aperreias...’. E é verdade, isso eu ensino às minhas filhas! Tão bom a gente aprender certas coisas... de tudo, né vizinha? Se minha mãe não me ensinasse eu me aperreava⁴ muito hoje em dia... Todo serviço que a minha mãe fazia aí estava eu enxerida! Daquilo que ela aprendeu eu sei!” (Dona Iracema, parteira).

Observa-se na fala da parteira Iracema um aspecto interessante, a respeito de como a mãe já a considerava como estando na “idade certa” para ter acesso aos saberes de “partejação”. É importante ressaltar que as parteiras entrevistadas e as pessoas próximas a estas também se referiram a respeito da permissão de acompanhar o trabalho de uma parteira experiente. Conforme explicou Dona Iracema, as mulheres que usualmente são as interessadas em aprender, não podem participar dos partos de outras até ter certa idade, quando já conhecem seus corpos e não atrapalhem o trabalho da parteira experiente; aspecto que também é ressaltado no relato a seguir, de Michele, neta de parteira, a qual conta que, no interior, as crianças não são permitidas

⁴ “Aperreio” é uma palavra local que denota uma situação de risco ou perigo, uma circunstância inesperada que complica o momento. Soraya Fleischer dedica seu livro a falar sobre as situações deste tipo, na região de Melgaço, numa narrativa encantadora que descreve a vida das parteiras do local. FLEISCHER, Soraya. **Parteiras, buchudas e aperreios**: uma etnografia do cuidado obstétrico não oficial na cidade de Melgaço, Pará. Belém: Paka-Tatu; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.



assistir os partos:

“Eu acompanhei o parto da minha prima que ela [avó] assistiu... aqui no interior, quando a gente é criança eles não deixam a gente ficar no quarto, entram só elas! Nem que a gente vai, mas a gente não tem direito de entrar...” (Michele, neta de parteira).

No mesmo sentido, a parteira Joana, avó de Michele, também afirma que durante a assistência ao parto não pode ter outras pessoas que não sejam aquelas que participem ativamente do trabalho, principalmente crianças. Diferentemente de outros tipos de atendimentos, como por exemplo, puxações⁵ e rezas, nos quais as crianças de colo ou de pouca idade podem estar em companhia da mãe que está sendo atendida. Contudo, essa parteira ressaltou que isso também depende da criança, que deve ser calma, pois uma criança que seja inquieta, que faça muita bagunça, não é aconselhável, porque pode atrapalhar: *“se quer ficar do lado da mãe, tem que se comportar!”*.

Partindo de tal afirmação se observa, na Figura 1, uma criança acompanhando sua mãe enquanto Dona Joana “puxa” e reza na barriga dela. Se observou no transcorrer da pesquisa que o menino ficou deitado quietinho ao lado da mãe durante o atendimento, que durou aproximadamente 20 minutos.

Figura 1. Atendimento realizado pela parteira Dona Joana, da RESEX Mapuá, em mulher gestante que estava acompanhada de uma criança.



⁵ Uma puxação se refere a um tipo de massagem específica feita pelas parteiras ou outros médicos não oficiais, a qual se faz para colocar a criança na posição correta ou colocar algum músculo ou osso no lugar. A autora Fleischer dedica um capítulo do livro citado anteriormente para descrever o que significa puxar, além de um artigo sobre o mesmo assunto, onde desenvolve sobre o tema como uma prática tradicional e de construção de relações entre mulheres e suas comunidades. FLEISCHER, Soraya. Puxando barrigas para puxar assuntos: a massagem abdominal como uma fonte de saber e significados entre parteiras marajoaras. **MNEME Revista de Humanidades**, Caicó, v. 7, n. 19, p. 239-272, jan. 2006.



Em relação às formas como as mulheres da RESEX Mapuá, na ilha do Marajó, se iniciam como parteiras, o senhor Antônio-Mussuã, filho de uma parteira, comentou que morar longe da cidade é uma condição que faz com que muitas mulheres se vejam na necessidade de acompanhar as outras dando à luz. O referido senhor conta que já teve várias experiências com os partos da sua esposa, que sempre ocorrem acompanhados por uma parteira. Mas, afirma que é comum, que mulheres dessas comunidades, sem ter nenhuma experiência, comecem o ofício como parteiras por solidariedade, para não deixar a sua “colega” sozinha:

“Tem ocasião que ela [mulher] é obrigada ser uma parteira, porque não dá tempo da parteira chegar. Aí você, mulher não vai ver a sua colega no aperreio sem não poder ajudar, você tem ideia de como é, ou talvez não saiba nada. Por mais que você nunca teve, mas se uma colega já contou para você que é daquele jeito, aí você faz...” (Antonio-Mussuã, filho de parteira).

Segundo as análises de Benedita Pinto, é no desempenho da missão de ajudar os seus nas horas de apuros, que as mulheres parteiras tradicionais vão executando uma função de grande importância social:

Não só porque atuam em localidades onde a presença médica é totalmente ausente, mas, principalmente, por princípios culturais, e pela maneira humanizada de como realizam partos. No ritual do ‘bom nascer’, do ‘nascer livre’, do qual fala o senhor Duca Pinto, 90 anos, morador de Umarizal, a parteira oferece à mulher a oportunidade de interagir com o seu parto, de ter autonomia sobre o seu corpo. Visto que a regra primordial é deixar que o nascimento siga o seu curso normal, respeitando o seu ritmo biológico, sem interferir na relação mãe e filho.⁶

Devido ao limitado acesso aos serviços de saúde pública para gestantes dentro da RESEX Mapuá, a quantidade de mulheres que já pegou ou aparou crianças nas mãos é muito mais elevada do que se tinha pensado. A longa distância entre comunidades e a dificuldade de deslocamento exigem que muitas mulheres saibam como manejar estas situações. Muitas destas mulheres acabam por pegar uma ou duas crianças, só pela emergência, já outras sentem o chamado da vocação de partejar ao participar do primeiro nascimento.

Desta forma, além das circunstâncias que limitam o acesso aos serviços médicos oficiais, é importante ressaltar que existe uma relação de confiança e respeito para com o trabalho das parteiras, que faz com que muitas mulheres dessas comunidades prefiram ser atendidas por parteiras tradicionais e não por médicos na cidade.

Entre parteiras: relações entre mulheres

Outro elemento fundamental observado na relação entre as parteiras e as mulheres é a sororidade, caracterizada por profunda e complexa relação entre mulheres, que aflora em momentos e situações de extrema angústia. É a solidariedade mulher-mulher que se manifesta

⁶ PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Filhas das Matas**: prática e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina. Belém: Açai, 2010, p. 272.

através de oferecer companhia, cuidado ou ajuda de forma desinteressada, com profundo sentimento de irmandade. A palavra “soror” vem do latim e significa “irmã”. Sendo assim, sororidade seria um equivalente da palavra fraternidade, da união entre irmãos, os membros de uma sociedade⁷.

Este vínculo mulher-mulher se fortalece com diferentes eventos e situações, revelando o sentimento de coletividade feminina: o parto e o acompanhamento da gestação são momentos em que emerge e brota este vínculo. Nas comunidades do Baixo e Médio Mapuá, no Marajó, por exemplo, escutamos várias histórias das chamadas “mães de leite”, que são mulheres que oferecem seu peito e leite materno para uma criança que não tenha acesso e disponibilidade ao mesmo. Neste sentido, Dona Julieta contou uma história a respeito da sua “filha de leite”, a Naíde, que devido a mãe desta não ter tido ou “criado” leite nos primeiros dias de parto, ela ofereceu o seu leite para alimentar a criança, visto que estava amamentando uns dos seus filhos nessa época. Dona Joana revisitou em sua memória outro caso similar, que foi de seu sobrinho e “filho de leite”, o Zeca, que por motivo de doença a mãe ficou impossibilitada de amamentá-lo, e mais uma vez ela ofereceu o seu leite para nutrir a criança, se tornando a sua “mãe de leite”. E assim, se escutou muitos outros relatos de exemplos desta sororidade, de como uma mulher sem ser experiente acompanha outra durante o parto; compartilha o seu peito para alimentar a criança da outra; cuida durante o puerpério de uma mulher sozinha; prepara um caldo de galinha para recuperar as forças depois do parto; enfim, mulheres que auxiliam as outras.

Entre parteiras, esta relação se expressa em distintos laços envolvendo parteira-parteira. A relação que existe entre uma e outra é única. Algumas são vizinhas, amigas, colegas de trabalho, comadres⁸, dentre outras formas de parentescos. A respeito deste tipo de relação a parteira Iracema fez referências à parteira Intermerata, a quem diz ter grande carinho, por isso já foram até “batizadas” como eternas amigas na fogueira de São João: “*Dona Intermerata minha amiga de fogueira de São João*”.

A parteira Julieta também relatou a respeito das dificuldades que enfrentavam durante seus partos, mas que se sentia segura porque sempre foi acompanhada por uma parteira de confiança, que era a sua comadre Joana:

“Eram muito difícil meus partos, era muito ruim... eu estava acompanhada, era a minha comadre Dona Joana... sim, quem me acompanhava era a velha Joana... ela fez cinco (5) dos meus partos... Um eu tive no hospital e as duas primeiras eu tive com outra parteira: a Joana também... só que ela já é falecida, a mãe da minha cunhada” (Dona Julieta, parteira).

⁷ SCHALLMAN, Raquel. **Parir en libertad**: en busca del poder perdido. Buenos Aires: Penguin Random House Grupo Editorial, 2012.

⁸ Neste contexto, mulheres comadres refere-se à relação entre uma mãe e a madrinha de um filho ou filha dela. Também se consideram comadres: parteira-parturiente.



Na fala de Dona Julieta transparece a relação entre as duas parteiras: ela e sua comadre, a velha Joana, que lhe auxiliou em cinco dos seus oito partos. Estas duas mulheres compartilharam a profissão de pegar criança, embora Dona Julieta tenha afirmado que não tinha a mesma experiência da parteira Joana, pois não se considera “parteira de verdade”, afirmando: “*eu só corto umbigo*”.

Este fato acaba revelando uma espécie de hierarquia entre estas mulheres, uma vez que as parteiras com maior experiência são muito reconhecidas e brindadas com maior confiança durante a assistência ao parto, conforme é possível ser observado em uma das falas da parteira Maria Isabel, que diz ainda lembrar um evento, no qual ela se destacou pela solidariedade e pelos seus conhecimentos:

“Um tempo desses veio uma mulher me buscar aqui pra eu ir lá partejar com ela. Chegamos lá e a mulher já tinha tido a criança, só que sem desocupar... a placenta não saía. Só que, a placenta da criança ela tem um detalhe: se a gente não estiver puxando no cordão do umbigo da criança, a mulher não tem... Aí eu passei lá pra frente dessa outra e mexi daqui pra lá e ela se desocupou rápido. Essa mulher que estava ali se admirou, que ela já tinha tido uns quantos filhos, é mãe de muito filho e ela não sabia..., mas eu lhe mostrei” (Dona Maria Isabel, parteira).

Contudo, a fama e o reconhecimento são conquistados pela trajetória de cada uma dessas mulheres. Assim como se tem conhecimento de casos de parteiras com caminhos cheios de experiências exitosas, há outras que são conhecidas por situações problemáticas no exercício do seu ofício. No transcorrer da pesquisa foram coletados muitos relatos a respeito de uma parteira, que era alcoólatra, e que por necessidade e ausência de outro tipo de assistência para auxiliar as mulheres grávidas no momento do parto, pegava criança em estado de embriaguez:

“Aquele Dona, você conhece? Ela pega também criança..., mas as mulheres já estão se sentindo ruim porque ela bebe, né? Aí na hora do parto ela já está meia porre e não faz o parto bom e as mulheres se queixam dos trato que ela dá... Além de que ela já está velha, desde muito nova que ela bebe... tem muitas que ela vai começando desde que chega fazer o parto e quando o bebê já está pra nascer ela já está porre... aí já não querem ela e vem me buscar.” (Interlocutor anônimo)

É importante mencionar que durante a pesquisa não tivemos oportunidade de conhecer esta parteira, tudo que tomamos conhecimento a seu respeito foi relatado por outras parteiras e por alguns habitantes da RESEX, que descreviam suas atitudes e o vício com o álcool como sendo uma ameaça para o ofício de partejar, e para as outras mulheres, que se ocupam desta função. Porém, dizem que há mulheres que a procuram no “aperreio”, por não contarem com outra parteira que more mais próximo de suas casas. Aliás, se observou no decorrer da pesquisa que a questão do alcoolismo é bastante comum na RESEX, principalmente entre homens, que consomem grandes quantidades de álcool e em estado de embriaguez provocam situações de conflitos familiares e entre outros habitantes das comunidades que fazem parte desta unidade de conservação.

Saúde e coragem das parteiras do Baixo e Médio Mapuá

No transcorrer da pesquisa tivemos conhecimento de outros problemas de saúde que ameaçam a continuidade do trabalho das parteiras tradicionais do Baixo e Médio Mapuá. Algumas reclamam da idade avançada e das doenças que adquirem, que acabam dificultando os seus desempenhos como parteiras, motivo pelo qual algumas não assistem mais os partos das mulheres. Conforme afirma Pinto:

Mesclada à alegria e à felicidade do cumprimento de suas missões, pairam suas queixas de cansaço e problemas de saúde, ocasionados pelas difíceis situações que enfrentam para exercerem a prática da parturiação ou da cura... Doenças, como cegueira, enfraquecimento no corpo, pressão alta, tonturas, erisipela e dor de cabeça são relacionadas como sendo oriundas da profissão que praticaram durante a vida toda.⁹

Nestas condições, das oito parteiras entrevistadas, quatro desistiram de trabalhar com parto devido aos problemas de saúde. As outras quatro estão ativas, ou seja, acompanham mulheres grávidas durante a gestação, o parto e até o pós-parto. Porém, há casos, como o de Dona Martinha, onde a falta da visão provocou o abandono do ofício de partejar, mas mesmo assim se considera parteira e a comunidade a reconhece como tal.

“Eu já peguei muita criança, agora que eu não, nunca mais eu peguei criança... da minha vista dona eu estou quase cega, não enxergo... Eu pergunto pra o menino: quem que vai passando lá? A vista da gente é a guia da gente, mas agora como diz o outro: sinto falta da minha vista... por isso não atendo mais não.” (Dona Martinha, parteira)

Nas histórias de vida destas parteiras e nas suas práticas, ocorrem semelhanças e diferenças durante os acompanhamentos que prestam a outras mulheres no período de gestação, no parto e puerpério. A parteira Iracema fala da sua função de partejar e porque considera como um ofício de muito sacrifício. Ao fazer comparação com o parto hospitalar onde, segundo esta parteira, as pessoas que pegam as crianças usualmente não são as mesmas que lavam as roupas. Assim como faz referências ao tratamento que é dado nos hospitais para a placenta, também chamada de “resto da criança” ou “parceiro”, onde cada pessoa envolvida neste momento se ocupa de uma função, enquanto as parteiras tradicionais fazem o que for preciso para o bem estar da parturiente:

“Eu larguei porque começou me aparecer um bando de problema... passei mal de dor de braço, dor na perna, a pressão alta... Aí eu passava ruim e os meus filhos mandaram pra eu largar de mão porque poderia me causar uma doença maior, né? Esse problema de pegar criança vizinha, tem muito problema no meio... A gente pra pegar criança sem ser no hospital sempre tem que ter um bom remédio pra se cuidar, a cachaça, álcool, um alho, uma louva pra a senhora pegar uma criança... porque não só prejudica a criança, prejudica a gente, né? Porque no hospital a gente não cuida disso nada, a gente tem tudo pra lá, médicas, os doutores que cuidam da mulher, pra lá resolve. Aqui não, aqui é mais arriscado porque a gente tem que

⁹ PINTO, 2010, p. 294.

pegar tudinho aquilo da mulher tirar aquele resto da criança, tem que engasgalhar no pinico, tem que jogar, fazer um buraco pra trás pra enterrar... não é que nem no hospital que lá a gente não sabe nem pra onde vai... Aqui não! Aqui todo corre por conta da pessoa que pega, da parteira, né? Ela vai lavar aquela roupa, e lá [no hospital] eles tiram aquele parto tudinho e jogam pra lá não sei pra onde... aqui tem que ser todo por conta da parteira que pega a criança, não é negócio simples, né vizinha?" (Dona Iracema, parteira)

Desta forma, para as parteiras entrevistadas, o ofício de “pegar criança” é uma profissão que requer muita coragem e força feminina, não é qualquer mulher que pode ser parteira:

“Como diz o ditado, Dona: a gente tem que ter muita paciência, muita mordomia, pra assistir com uma mulher! Porque é muito complicado... ter o juízo mais o menos, né?... mas não é muito fácil não, vizinha. Se a criança não estiver direito a gente tem que endireitar. A gente não pode entrar no desespero, não pode mais fugir... eu se não estiver muito sacrificouso eu endireito..., mas isso, vizinha, não é negócio fácil não!” (Dona Iracema, parteira).

E, assim, a descrição das dificuldades que envolvem o trabalho de partejar também aparece no relato de Claudiene, filha de uma parteira tradicional da RESEX Mapuá, a qual relata que a sua mãe ainda atende partos, porém, só nas ocasiões em que não tem outra parteira para acompanhar a mulher gestante, pois, devido os esforços exigidos neste ofício, ela é acometida de problemas de saúde, “passa mal”:

“Olha ela já fez uns quantos partos..., mas agora ela não faz muito, ela só vai quando não tem outro jeito que vem pedir para ela... aí ela vai. Ela não gosta, ela não está podendo fazer porque ela passa muito mal. Ela disse porque ela está muito velha, ela passa ruim...” (Claudiene, filha de parteira)

Nestas condições, se observa que a profissão de parteira tradicional no interior da Amazônia brasileira é vista como um trabalho de risco, tanto para a mulher parturiente e seu filho(a), quanto para a própria parteira. A distância em relação ao socorro “oficial” existente na cidade dificulta o atendimento das pessoas nesta RESEX, principalmente nos casos de risco, que necessitam de encaminhamentos urgentes para o hospital. Nestes casos, coragem, força e experiência das mulheres parteiras fazem a diferença no atendimento da sua gente, situação essa, conforme afirmam, que é completamente distinta dos partos que ocorrem nos hospitais da zona urbana, na cidade, que de certa forma, possuem aparatos médicos e tecnológicos, enquanto as parteiras, dependendo do andamento de um parto complicado, correm o risco de comprometer seu trabalho, a vida da parturiente e da criança ao nascer.

A relativa distância da região pode ser evidenciada ao se destacar que, das comunidades do Baixo Mapuá para a cidade de Breves, na Ilha do Marajó, se viaja em média dez horas de barco. Assim, além do tempo necessário para esta viagem, a mesma representa alto custo econômico para os habitantes destas comunidades. Por este motivo, o acompanhamento do pré-natal dificilmente é feito pelas grávidas. Isto demonstra como o trabalho das parteiras é de fundamental importância para a saúde destas mulheres. Estas acreditam e depositam confiança

nas mãos das parteiras, uma vez que as mesmas já conhecem seus antecedentes de saúde, a forma como vivem, a situação familiar na qual aquela criança nascerá. Além de evitarem maiores gastos financeiros e o deslocamento muito cansativo com viagens para a cidade mais próxima. Situação que pode ser observada no relato a seguir, de Dona Cândida, ao narrar porque a sua filha, na sua segunda gravidez, decidiu não fazer o pré-natal na cidade de Breves:

“Minha filha fez o primeiro pré-natal dela tudinho. Ela viajava para Breves de dois em dois meses, mas ficava muito cansada... aí, ela ia e pegava dinheiro... olha é caro viajar pra lá... Quando ela engravidou dessa outra, ela nunca fez o pré-natal, ela ia ter por aqui mesmo, com a velha Joana. E graças a Deus ela teve normal.” (Dona Cândida, comadre da parteira Joana)

Contudo, as parteiras tradicionais das comunidades em estudo acompanham as mulheres durante todo o período da gravidez, como se fosse uma espécie de pré-natal. Elas fazem perguntas durante os atendimentos para conhecer as condições que rodeiam a gestação, puxam a barriga da mulher grávida para sentir e conhecer as condições de saúde da criança e da mãe. Assim como, aconselham e fazem recomendações às mulheres gestantes a respeito das situações que consideram urgente e importante, inclusive recomendam que as mesmas façam o pré-natal na cidade de Breves.

Pinto (2010), ao se referir às parteiras de povoados rurais da Região do Tocantins, menciona que os cuidados da parteira para com sua cliente ocorre no ato de “tratar a parteira”, a partir deste momento, a mulher gestante passa a contar com apoio físico e emocional da sua parteira, a qual faz orientações que devem ser seguidas rigidamente pela grávida. Nesta espécie de pré-natal, recomendam que a gestante tenha moderação nos trabalhos que exijam muito esforço físico, que se alimente de forma regular, não devendo passar fome. “Além de receitarem ‘temperadas’ ou ‘garrafadas’ feitas com diversas ervas, cascas, folhas e raízes, indicadas para curar anemia, albumina e infecções”. Assim como, aconselham que, “ao sentir qualquer mal-estar relacionado à sua gravidez, que procure imediatamente a parteira para que possa puxar a sua barriga e verificar como a criança está; se ela está se desenvolvendo bem e se a sua posição no útero da mãe é cômoda para um parto normal.”¹⁰.

Situações de “aperreios” no Mapuá

As circunstâncias de angústia ou perigo enfrentados pelas parteiras do Baixo e Médio Mapuá, Ilha do Marajó, são chamadas por elas de “aperreios”. Desta forma, são muitas as suas histórias de “aperreios” relacionados aos partos, pois, conforme afirmou Dona Intermerata, “cada parto é diferente do outro, cada um é uma história.” E, assim, relatam os problemas, as dificuldades que enfrentam juntamente com outras mulheres durante a gravidez, o parto e o puerpério. Na fala a seguir, Dona Clemilda conta como a tia Julia a ajudou em um destes

¹⁰ PINTO, 2010, p. 273-274.

momentos de “aperreios”, recomendando logo que a mesma buscasse atendimento no posto de saúde da Vila São Félix, de onde o agente de Saúde, Jonorte, a encaminhou para a cidade de Breves:

“Era febre, dor de urina, deu crise... era albumina, anemia... a tia Julia me puxou, ela disse que era para ir no posto. Aí me levaram para o posto, o Jonorte me mandou pra Breves. A mamãe me levou e aí pediram exame... aí que eu fiz, mas particular para ficar pronto logo, porque eu não aguentava, estava só deitada acima de um pano, não estava aguentando mais.” (Clemilda, comadre da parteira Joana e afilhada da parteira Julieta)

Nesta fala se observa que, para evitar as longas esperas e trâmites do sistema público de saúde, Dona Clemilda optou por um atendimento privado, evidenciando a ineficiência do sistema público, que presta pouco auxílio na saúde de uma população que se encontra vulnerável, principalmente em situação de emergência. Sem falar que há muitas pessoas que não possuem recursos financeiros para se deslocar para a zona urbana e ainda pagar atendimento médico, então, na maioria das vezes, preferem permanecer nas suas localidades de origem, só buscando ajuda da medicina oficial nos casos de extrema gravidade.

Neste sentido, a vantagem de poder contar com uma parteira nas proximidades faz com que muitas mulheres grávidas decidam ficar em suas casas, onde se sentem confiantes e seguras pela forma de tratamento humanizado que recebem. Dona Martinha narra que quando esteve grávida de gêmeos enfrentou dificuldade, mas também evidencia este tipo de experiência com muita naturalidade, fazendo emergir a força que o corpo feminino é capaz de ter para trazer ao mundo “*tantas crianças quando Deus mande*”:

“Eu tinha parteira, era uma mulher que morava lá perto de nós... sempre ela assistia comigo... basta eu lhe disser que eu tive dois filhos ao mesmo tempo: gêmeos, uma mulher e um homem... um casal. Eu tive lá pra onde eu morava, bem longe... Tem muita gente que tem filho de dois pra banda daqui, eu já soube que tem de dois filhos... Como diz o outro: a gente não pode contra Deus, ele dá porque ele dá o jeito de ter, né? A gente fica sabendo que tem essa força só nessa hora Dona! Mas olha Dona, não é bom não... olha basta lhe dizer que a gente quando sai gestante assim de dois filhos, é difícil... eu não podia nem me alevantar Dona! Do tamanho da barriga grande! Ave Maria! Mas graças a Deus quando eu tive eles não teve embaraço não, foi tudo tranquilo, a parteira sempre aí! Não houve embaraço, no resgarde ela ficou uns dias e todo bom!” (Dona Martinha, parteira).

Contudo, segundo narram a pessoas entrevistadas, a irmã da Claudiene não teve a mesma sorte, pois, infelizmente, teve complicações no parto, “aperreio”, apesar de estar acompanhada por sua mãe parteira e mais duas parteiras experientes da RESEX, foi obrigada a sair de emergência para Breves em busca de atendimento médico, onde foi hospitalizada por quase um mês, devido ter dado à luz a criança, mas não ter conseguido expelir a placenta ou “o parceiro”:

“Ela passou bem a gravidez dela, ela estava lá para casa do meu pai: para aí para cima. Eu não sei como foi, que já foi os outros que contaram. Dizem que ela baixou mal pra Breves sem conseguir se desocupar. Ela estava com a mamãe, era mamãe que estava com ela... tinha outras duas mulher lá... não sei quem era.” (Claudiene, filha de parteira)

Tal fato acaba evidenciando dois aspectos já mencionados. O primeiro diz respeito aos riscos e responsabilidade aos quais são submetidos, tanto as mulheres parteiras, quanto as parturientes. O segundo, expõe não só o isolamento geográfico e político destas comunidades, mas também, a ausência dos serviços de saúde da medicina oficial, fazendo com que a população local possa contar somente com os trabalhos das parteiras, sobre as quais recai a responsabilidade de cuidar da saúde da sua gente, de “aparar crianças”, de ajudar a nascer.

As parteiras das comunidades do Baixo e Médio Mapuá possuem experiências de vida semelhantes às demais mulheres que se ocupam deste ofício nas regiões longínquas brasileiras. Conforme afirmam Lucineide Bessa e Sílvia Ferreira, a dureza do trabalho, as longas caminhadas, as privações e as dificuldades que relatam em relação à “[...] falta de material, treinamento, transporte, acesso dificultado e ambiente de trabalho precário representam condições desfavoráveis ao bom desempenho de suas funções; além disso, favorecem a diminuição da capacidade física e psíquica das parteiras.”¹¹

Os serviços oferecidos pelas parteiras: contrato e formas de pagamento

Todas as parteiras que foram entrevistadas na RESEX contam com estratégias próprias para assegurar um bom atendimento à mulher durante a gravidez, o parto e o pós-parto. Ao ser contatada, cada parteira conversa com suas clientes e com os maridos ou companheiros destas, deixando claro qual será o custo do seu trabalho, estabelecendo uma espécie de “contrato” para os diferentes atendimentos que serão feitos. Desta forma, a maioria delas faz um pacote de parto que inclui: puxações durante a gestação, parto domiciliar e acompanhamentos durante os primeiros dias de puerpério.

No entanto, existem momentos em que as gestantes rompem com esse contrato, seja devido a parteira não se encontrar disponível em casa no momento que elas precisam, ou então por encontrarem outra parteira, que more mais próximo da sua residência. Quando isso acontece no último momento, acaba deixando algumas parteiras aborrecidas e inconformadas, pois não gostam de atender as mulheres só na hora do parto, sem ter feito algum tipo de acompanhamento antes. Dona Maria Esteni, por exemplo, relata que quando uma mulher vem procurar sua ajuda só na hora do parto, ela fica em situação ruim, temerosa, pois terá que encarar um cenário desconhecido, que poderá ser perigoso, podendo prejudicar a sua reputação e do seu trabalho

¹¹ BESSA, Lucineide; FERREIRA, Sílvia Lúcia. **Mulheres e Parteiras**: uma contribuição ao estudo do trabalho feminino em contexto domiciliar rural. Salvador: GRAFUFBA, 1999.

como parteira. Sem falar no risco que pode representar para a gestante e para a criança ainda por nascer:

“Sempre me pegam encima da hora, isso que eu acho ruim, né? Que às vezes falam com outra, a outra não dá, não sei que, aí vem encima da hora falar... talvez nem dá vontade da gente ir, né? Não sabe como é que está a criança, né? Depois acontece alguma coisa e sempre a culpada é a parteira... Mas mulher é difícil deixar uma mulher sozinha nesse aperreio, a gente vai porque não tem como falar que não, mas depois vai ter que pagar mais caro, né? O custo pra nós é maior.” (Dona Maria Esten, parteira)

Os custos pelos diferentes atendimentos que são realizados pelas parteiras, vão de cinquenta a cem reais, isso dependendo dos deslocamentos que fazem até a casa da parturiente, o número de puxações que realizam durante a gestação e, principalmente, as condições financeiras da mulher grávida e de sua família. Mas, se a parteira for solicitada em cima da hora, conforme relata Dona Maria Esteni, o valor pode aumentar, por considerarem que o risco é maior na hora do parto por não estarem fazendo os devidos acompanhamentos.

As parteiras também fazem outro tipo de acordo, no qual só inclui as puxações. Estes casos usualmente acontecem quando a gestante já planejou para ter seu parto na cidade, ou com alguma outra parteira que mora longe. No Baixo e Médio Mapuá, só uma das parteiras não cobra por fazer este trabalho de pré-natal, que é a benzedeira-parteira Dona Joana. As demais parteiras costumam receber pagamento em dinheiro pelo trabalho de puxação, podendo variar entre três a dez reais por atendimento, sendo que todos os atendimentos com puxações de barriga são feitos na casa das parteiras. Dona Iracema afirma que nos casos de dificuldades financeiras da gestante, muitas vezes cobra mais barato: *“Tem dia que eu peço de três, quatro reais por puxá, mas não é toda vez.”*

A questão do pagamento, em muitas situações, representa problemas para a parteira, devido às dificuldades financeiras que enfrentam. Conforme se observa no relato de Dona Maria Esteni, que deixa evidente a intenção de visibilizar o trabalho das parteiras, para que assim possam conseguir algum tipo de benefício econômico por parte do poder público:

“A gente tem vontade assim que uma pessoa se interesse pela gente, né? Para a gente ganhar um salário, alguma coisa porque aqui é assim: a gente trabalha, o pessoal são pobres, muito pouco dinheiro... Se a gente pede uma quantia eles acham caro, mas aliás a gente nunca vai deixar uma mulher sozinha.... Muitas vezes é por isso que a gente está querendo mesmo uma pessoa que se interesse pela gente quem sabe se um dia não acontecerá isso para a gente, que nem no Amapá... a senhora sabe que toda parteira tem o seu salário lá? Já imaginou? Mas nós já lutemos, sabia? A gente foi em reunião lá em Breves, mas é difícil a gente acompanhar, é longe, né vizinha?” (Dona Maria Esteni, parteira)

Durante as conversas com as outras parteiras, todas comparavam a situação dos seus trabalhos em relação aos de outras parteiras da cidade de Breves. No município de Breves as parteiras tradicionais estão organizadas na Associação de Parteiras Tradicionais da Ilha do Marajó

(APTIM) e, a partir desta associação, conseguem alguns tipos de benefícios da Secretaria de Saúde, como por exemplo: acompanhamento de saúde bucal, além da disponibilização de material para assistência ao parto domiciliar. No entanto, as parteiras do Rio Mapuá apresentam dificuldades financeiras para viajar até a cidade, fazendo com que elas fiquem impossibilitadas de participar da associação, não sendo reconhecidas nas atividades que realizam.

De todas as parteiras que fizeram parte deste estudo, apenas Dona Intermerata é registrada na APTIM, possuindo carteira de parteira, além de já ter feito curso de formação através do Grupo Curumim. Esta associação feminista foi criada em 1989 e busca fortalecer a cidadania das mulheres e, neste contexto, proporciona uma formação na temática de aprimoramento da atenção à saúde reprodutiva, especialmente durante a gravidez, aborto e parto¹². Para a parteira mencionada, ter participado deste evento lhe dá direito para acompanhar qualquer gestante dentro do hospital, mas com a condição de permitir intervenção da equipe de médicos que aí colaboram. Infelizmente o salário que a Dona Maria Esteni menciona que as parteiras do Amapá possuem, não é lei no Estado do Pará.

Por outro lado, a questão referente aos valores cobrados pelas parteiras das comunidades do Baixo e Médio Mapuá para atender as mulheres no momento do parto é um assunto delicado. Conforme relata o senhor Antônio, os preços vêm mudando com o tempo:

“Era eu que pagava, na época elas pagava uma faixa de quinze reais, no meu primeiro filho [com trinta e cinco anos], lá foi aumentando e na caçula [com vinte anos] eu já paguei trinta reais. Isso era o serviço delas pegar a criança e às vezes lavava ali as roupas só um dia, também fazia a refeição da minha esposa.” (Antônio-Mussuã, filho de parteira)

Pelo lado das parteiras, a Dona Maria Isabel afirma que o preço por cada atendimento é justificado pelo difícil trabalho que elas fazem, por isso merece ser pago, nestas condições, e diz que cobra, inclusive, das filhas dela. Ao contrário de outras parteiras, como por exemplo, Dona Joana, Dona Julieta e Dona Iracema, que dizem não cobrarem nada quando prestam seus serviços de puxação e assistência ao parto para seus parentes:

“Tem gente que está achando caro porque eu estou cobrando cinquenta e cinco, aí eu digo: não! É um trabalho muito forte que eu não faço de graça nem pra minhas filhas. Porque só nós mulheres que enfrenta uma a outra.” (Dona Maria Isabel, parteira)

É importante mencionar que cada membro da família, de acordo com gênero, idade e aptidões, desenvolve papéis importantes no processo de gestação, parto e pós-parto das mulheres nas comunidades do Baixo e Médio Mapuá. A fala do senhor Antônio-Mussuã ressalta um ponto importante desta relação, quando o mesmo afirma que gostava de acompanhar os partos da sua esposa. É comum que a figura masculina, seja o marido, companheiro ou algum

¹² VIANA, Paula. **A experiência de trabalho do Grupo Curumim com parteiras tradicionais**. Brasília: Tempus: Actas de saúde coletiva, 2010, p. 209.

parente ou conhecido da família, faça o contrato com a parteira, se comprometendo a pagar pelo serviço e transportá-la para o lugar onde a gestante dará à luz:

“A gente ia buscar a parteira, quando dava para mim ir buscar eu ia busca. Mas, quando eu não queria sair perto de casa, né? Eu pedia para uma outra pessoa que fosse até lá, meu cunhado era. Mas, eu já tinha conversado com a parteira, né? Era questão de só chegar lá e falar para ela que tinha chegado a hora e aí ela vinha, e era assim... Eu tinha meus cunhados e tal comigo em casa e eles faziam isso para mim.” (Antonio-Mussuã, filho de parteira)

E, assim, a maioria das mulheres ao serem indagadas: *quem leva elas até os atendimentos? Quem leva a parteira até a casa delas?* As respostas sempre fazem alusão a uma pessoa do sexo masculino: “meu filho mais velho, meu esposo, meu companheiro, o vizinho, meu irmão, meu primo”. Desta forma, a figura masculina desempenha papéis importantes durante o parto das mulheres nas comunidades estudadas. No mesmo sentido, se observou que os esposos das parteiras também apoiam o trabalho delas, conforme pode ser notado em uma das falas da parteira Dona Maria Isabel, que por poder contar com o apoio do seu marido, o senhor Emanuel, já pensa em construir na sua nova casa um espaço apropriado para fazer puxações, partos e demais atendimentos. Para o senhor Emanuel, marido da parteira Dona Maria Isabel, isso pode ser uma renda importante para a família, já que ela é muito procurada para fazer consultas nessas comunidades. E assim, ao mesmo tempo que preenche lacunas da ausência do sistema de saúde público na localidade, também poderá funcionar como uma “porta de entrada de dinheiro”, que poderá ajudar no bem estar da família.

Da mesma forma, a parteira Dona Intermerata afirmou que o seu marido, senhor Manuel Raimundo, também propôs para ela construir um quarto na sua casa para fazer os partos das mulheres, para evitar que a mesma seja obrigada a sair da sua casa para fazer partos. Porém, o projeto deste quarto foi adiado devido esta parteira, em idade já avançada e enfrentando alguns problemas de saúde, optar por fazer mais os partos das mulheres da sua família. Ao contrário do caso da parteira Dona Maria Esteni, que seu esposo, o senhor Jaldo, não gosta que a mesma trabalhe com parto devido ao tempo que tal função lhe toma e os riscos que a mesma enfrenta durante a “partejação”. Para este marido de parteira o ofício da esposa não é compensatório, pois além do pouco valor financeiro que a mesma recebe para atender os partos de outras mulheres, ao se deslocar para a casa da gestante, suas crianças ficam sem a atenção e cuidados, motivo pelo qual a referida parteira afirma que já está evitando atender partos: *“pra não arranjar um problema com meu marido.”*

Considerações finais

Estes são os meandros das histórias de vida e das práticas, experiências, vivências e fazeres das parteiras tradicionais das comunidades do Baixo e Médio Mapuá, na Ilha do Marajó. Não restam dúvidas, é de fundamental importância refletir a respeito do universo dos saberes

tradicionais das parteiras na Amazônia brasileira e no mundo. Esses conhecimentos se encontram guardados nas lembranças dos habitantes das comunidades tradicionais, onde atuam essas mulheres e atuaram as suas ancestrais. Como afirma Maurice Halbwachs: “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível.”¹³

As parteiras detêm nas suas memórias um imenso patrimônio cultural e ancestral imaterial feminino que não pode ser ignorado. E esquecer determinados elementos da vida é também perder o contato com aqueles e aquelas que nos rodeavam. A ruptura da continuidade da transmissão desses saberes é preocupante. Elas são uma espécie de semente de rememoração para que todos esses conjuntos de testemunhos exteriores se transformem numa massa consistente de lembranças.

As histórias de vida, as memórias orais destas mulheres e os saberes que praticam nas comunidades estudadas ressaltam a sua importância social como as médicas, as curandeiras das florestas, dos rios e igarapés. As trajetórias de vida destas mulheres deixam emergir que a essência do ofício de partejar se baseia no bem-estar humano e não no dinheiro. No entanto, elas precisam ser apoiadas financeiramente pelo poder público, sem enxergar a saúde como um negócio, pelo contrário, pois as vidas destas mulheres são guiadas por um eterno servir, no auxiliar a sua gente nos momentos de aperreios e fundamentalmente no ajudar a nascer. As parteiras são guardiãs de saberes que vêm sendo construídos há muito tempo e devem ser expostos para contribuir na construção de uma sociedade que as inclua nas suas peculiaridades.

Referências

BESSA, Lucineide; FERREIRA, Sílvia Lúcia. **Mulheres e Parteiras**: uma contribuição ao estudo do trabalho feminino em contexto domiciliar rural. Salvador: GRAFUFBA, 1999.

FLEISCHER, Soraya. Puxando barrigas para puxar assuntos: a massagem abdominal como uma fonte de saber e significados entre parteiras marajoaras. **MNEME Revista de Humanidades**, Caicó, v. 7, n. 19, p. 239-272, jan. 2006.

FLEISCHER, Soraya. **Parteiras, buchudas e aperreios**: uma etnografia do cuidado obstétrico não oficial na cidade de Melgaço, Pará. Belém: Paka-Tatu; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2013.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Filhas das Matas**: prática e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina. Belém: Açaí, 2010.

SCHALLMAN, Raquel. **Parir en libertad**: en busca del poder perdido. Buenos Aires: Penguin Random House Grupo Editorial, 2012.

¹³ HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2013, p. 31.



UNIDADES DE CONSERVAÇÃO no Brasil: Reserva Extrativista Mapuá. ISA – Instituto Socioambiental. Disponível em: <<https://uc.socioambiental.org/pt-br/arp/4326>>. Acesso em: 08 maio 2020.

VIANA, Paula. **A experiência de trabalho do Grupo Curumim com parteiras tradicionais.** Brasília: Tempus: Actas de saúde coletiva, 2010.

ZÚÑIGA, Natalia Monge. **“O dom não se ensina, a gente nasce com ele...!”** Saberes, práticas e histórias de vida de parteiras tradicionais da RESEX Mapuá, Ilha do Marajó. 2017. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) – Universidade Federal do Pará, EMBRAPA Amazônia Oriental, Belém, 2017.

[Recebido em: maio de 2020 /
Aceito em: julho de 2020]